



## MULHERES NA ARTE CONTEMPORÂNEA DA PARAÍBA: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA NA ARTE/EDUCAÇÃO

### WOMEN IN CONTEMPORARY ART IN PARAÍBA: ANALYSIS OF AN ART/EDUCATION EXPERIENCE

Ana Cláudia Araújo do Nascimento<sup>1</sup>

PPGAV UFPB/UFPE

Teresinha Vilela<sup>2</sup>

PPGAV UFPB/UFPE

**Resumo:** Este trabalho tem o objetivo de analisar e discutir a ausência de artistas visuais mulheres do estado da Paraíba - PB na educação formal de ensino a partir da indagação e problemática de não estudarmos a Arte Contemporânea Paraibana nas escolas. O estudo parte de uma experiência educacional realizada em uma escola no bairro do Alto do Mateus, em João Pessoa. Dessa forma, baseado nos escritos de autoras que tocam na representatividade feminina e no decolonial, a resistência das mulheres artistas da Paraíba é evidenciada pela arte/educação em sua perspectiva transformadora e decolonial. Assim, a importância do trabalho fortalece-se à medida que uma das autoras, artista e arte/educadora, questiona a sua própria formação escolar, por não ter aprendido sobre as mulheres no sistema de arte da Paraíba, mesmo elas estando presentes.

**Palavras-chave:** mulheres artistas; arte contemporânea; arte/educação; decolonial; Paraíba.

**Abstract:** *This work aims to analyze and discuss the absence of female visual artists from the state of Paraíba - PB in formal education, based on the question and problem of why we don't study contemporary art from Paraíba in schools. The study is based on an educational experience carried out in a school in the Alto do Mateus neighborhood of João Pessoa. Thus, based on the writings of authors who touch on female representativeness and decolonialism, the resistance of Paraíba's women artists is highlighted by art/education in its transformative and decolonial perspective. Thus, the importance of the work is strengthened as the author, an artist and art/educator, questions her own schooling, for not having learned about women in Paraíba's art system, even though they are present.*

<sup>1</sup> Mestranda do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE) em Processos Educacionais em Artes Visuais. Licenciada em Artes Visuais pela UFPB, João Pessoa - PB. É integrante do AMI - Grupo de Pesquisa em Arte, Museus e Inclusão (UFPB/CNPq) e voluntária do Projeto Artes Visuais e Inclusão (2022-2023-2024-2025). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9199-9873>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/0093756644576080>.

<sup>2</sup> Licenciatura em Educação Artística (UERJ). Mestre em Artes Visuais. Programa Associado UFPB/UFPE. Doutora em Artes (UERJ). Professora Colaboradora (PPGAV-UFPB/UFPE). Representante Regional do estado da Paraíba - ANPAP. Conselheira Fiscal da Escolinha de Arte do Recife. E-mail: [tecabedelo21@gmail.com](mailto:tecabedelo21@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4687667818502655>. ORCID: <http://0000-0001-5497-7755>.



**Keywords:** *women artists; contemporary art; art/education; decolonial; Paraíba.*

## 1 ARTE/EDUCAÇÃO NO RESGATE À HISTÓRIA DAS MULHERES ARTISTAS

As pautas com relação à gênero e raça têm permeado o discurso decolonial e, consequentemente, a área das Artes Visuais dialoga com tais temáticas mais inclusivas que abordam a visibilidade de artistas esquecidas e renegadas ao longo da História da Arte. Hoje, a narrativa não é mais construída apenas por homens que tanto dominaram o discurso e a criação artística que, situado nos países hegemônicos, menosprezaram a história das mulheres artistas ao longo dos séculos. Assim, apesar do crescente ativismo feminista, de retomada à artistas mulheres, pretas, trans, latinas e com deficiência em exposições e pesquisas acadêmicas, a exemplo do artigo da historiadora de arte estadunidense Linda Nochlin (1971) “Por que não houve grandes artistas mulheres?”, elas ainda são ignoradas. Nele, a autora discute acerca das vozes de artistas mulheres silenciadas na História da Arte, sendo um marco para o processo de desconstrução das visualidades patriarcais excludentes. Contudo, percebe-se o contínuo esquecimento da presença destes nomes no ensino de arte nas escolas que continua sendo marcado pelo eurocentrismo.

Em relação a isso, esta investigação parte do apagamento do ensino da História da Arte paraibana nas escolas, mas principalmente das mulheres artistas paraibanas que, a partir de uma experiência educacional realizada no bairro do Alto do Mateus, João Pessoa, Paraíba, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Henrique Dias (E.E.E.F.H.D), as imagens das artistas Cris Peres e Aurora Caballero foram discutidas e socializadas. Diante das imagens, concordo com a artista visual, educadora e pesquisadora Rosana Paulino (2021) ao afirmar que a gente no Brasil é muito ingênua em relação ao poder da imagem, uma vez que a “imagem conta histórias e forma narrativas”. Logo, se não estivermos com o olhar crítico, podemos ceder ao sistema de controle que as culturas e estéticas hegemônicas tanto impõem.



Nessa perspectiva, Katy Hessel, historiadora da arte e fundadora do *thegreatwomenartists*, escreve *A história da arte sem os homens* (2024) e comprova a existência, produção e criação de artistas mulheres no campo das Artes Visuais, contendo artistas brasileiras. Diante disso, acerca da falta de visibilidade de certos artistas “se não vemos a arte feita por uma ampla gama de pessoas, não estamos de fato vendo a sociedade, a história ou a cultura como um todo (...)” (Hessel, 2024, p. 11). Logo, nas escolas, como podemos situar uma época, um movimento artístico, sem ao menos a visibilidade de uma única artista mulher sequer? Realidade esta vigente que costuma abordar apenas cânones europeus e estadunidenses criados por homens, mas que a arte/educação tem o poder de enfrentar currículos de sistemas patriarcais dominantes fora de uma visão linear de mundo (Hessel, 2024).

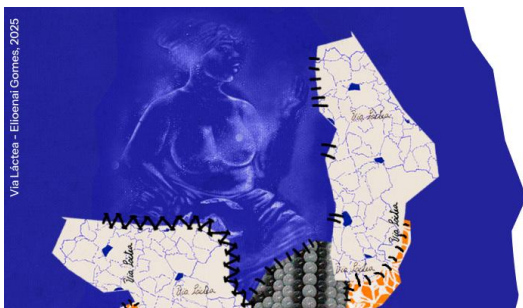
Acerca da trajetória e dos caminhos percorridos, a afeição para o planejamento de aulas sobre mulheres artistas paraibanas surgiu no entendimento de ser uma artista paraibana, além de arte/educadora. Além disso, o conhecimento da gama de diversas poéticas de mulheres artistas do estado da Paraíba deu-se na participação de uma das pesquisadoras no projeto *Mulheres Artistas da Paraíba* desenvolvido entre a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), coordenado pelas professoras Madalena Zaccara e Sabrina Fernandes Melo. O projeto tem o intuito de resgatar a memória da arte feminina na Paraíba de várias artistas esquecidas ao longo do tempo, mas também artistas atuais que são importantes e que movimentam o cenário local e nacional, apesar da pouca valorização. Com isso, a arte/educação e a Arte Contemporânea com sua significância transformadora e decolonial<sup>3</sup> foram primordiais ao atendimento dos objetivos em sala de aula e para debater questões intrínsecas à realidade das/dos estudantes.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 SOBRE CONTAR NOSSAS PRÓPRIAS HISTÓRIAS

---

<sup>3</sup> A arte/educação e a Arte Contemporânea é entendida como decolonial quando subverte as visualidades de cunho colonial e, por consequência, opressoras.



Diante da metodologia da investigação, baseou-se nos escritos das historiadoras da arte que tratam do resgate da arte feminina, retirados de livros e artigos publicados em anais de congressos. Assim, para versar a respeito da poética das artistas escolhidas, suas falas sobre o próprio trabalho foram priorizadas. Ademais, para a elaboração dos encontros, a pesquisa imagética foi essencial, mas também os princípios da educação não formal, uma vez que o livro didático não foi utilizado durante os encontros. Assim, dando prioridade à autonomia crítica e reflexiva do estudante e da aprendizagem mútua da relação entre professora e estudante, as partilhas são feitas, com ambos afetando e sendo afetados.

No âmbito das aulas, aconteceram em diferentes turnos no decurso de cinco encontros, destrinchados pelo mapeamento inicial e mais duas aulas para cada artista, com momentos teóricos e práticos. No que se refere ao mapeamento, foi fundamental, pois a escola ainda não possui uma/um professora(o) efetiva(o) de artes e, com a atividade, foi possível identificar, de forma geral, como estava o conhecimento das duas turmas trabalhadas. Diante disso, o mapeamento amparou-se em um breve diálogo sobre a intimidade das turmas para com as artes, além de algumas perguntas sobre o cenário artístico, como “Você conhece o nome e obra de algum artista visual?”, “Você conhece algum artista visual paraibano?” e “Você costuma visitar museus ou locais que possuem exposições de arte? Se sim, quais?”.

Vale salientar que a atividade desdobrou-se com o diálogo e troca de experiências, com a conclusão de que as turmas apenas nomearam artistas homens, sendo estes europeus, a exemplo de Van Gogh, Leonardo Da Vinci e Michelangelo e, no que concerne à Paraíba, apenas uma estudante comentou sobre ter “ouvido falar” de Chico Pereira, outro artista homem. Para resumir, também não possuem o costume de frequentar exposições de arte e museus.

Com relação às aulas, as obras das artistas foram apresentadas por meio da impressão em papel ofício e suas devidas fichas técnicas, recurso desconhecido pelas/pelos estudantes. A partir de perguntas norteadoras, o encontro se desenrola tratando de aspectos técnicos das imagens, mas sobretudo em relação às temáticas das imagens, e, nesse sentido, dando voz às/aos estudantes para que cada um



pudesse se sentir livre e confortável em dialogar em torno da sua própria história de vida, visto que “achar a própria voz não é somente o ato de contar as próprias experiências. É usar estrategicamente esse ato de contar – achar a própria voz para também poder falar livremente sobre outros assuntos” (hooks, 2017, p. 199).

A escolha das artistas visuais Cris Peres e Aurora Caballero deu-se pela atuação atual no cenário artístico da Paraíba. As obras<sup>4</sup> da série *Impressão Errada* (2019), de Cris Peres e *Peixe Cobra* e *Sem título (série Peixe planta)*, de Aurora Caballero foram curadas a partir das pesquisas encontradas, mas também do interesse em abordar diferentes técnicas da gravura, monotipia e *gyotaku*<sup>5</sup>. Com isso, noções de identidade, gravura, Arte Contemporânea, ficha técnica, hibridismo, natureza e corpo foram discutidas, porém evidencia-se neste artigo a importância do contínuo resgate à arte feminina paraibana em sala de aula em contrapartida ao apagamento das artistas nas aulas de artes.

## 2.2 ARTISTAS PARAIBANAS: CRIS PERES E AURORA CABALLERO

Felizmente, com a internet, bem como a preocupação contemporânea de reivindicar espaços antes renegados às mulheres, temos acesso à história destas artistas em pesquisas acadêmicas, livros, sites de galerias e museus e redes sociais<sup>6</sup>. Fator esse primordial para tornar essas produções válidas à História da Arte. Com isso, ressalta-se que ao longo das aulas as redes sociais das artistas foram divulgadas, para assim as/os estudantes terem acesso a mais obras, exposições e processo criativos delas.

O planejamento das aulas debruçou-se no destrinchamento, pensado em uma perspectiva decolonial da América Latina - Brasil - Paraíba - João Pessoa, culminando no bairro do Alto Mateus, localização da escola e bairro que uma das pesquisadoras mora desde os dois anos de idade. Nisso, o planejamento teve enfoque na Arte Contemporânea Paraibana, tendo as artistas mulheres um espaço de notoriedade e

<sup>4</sup> Nas aulas sobre Cris, outras duas obras foram apresentadas, porém *Impressão Errada* (2019) ganha destaque nesta investigação por conta da técnica da gravura, semelhante à imagem de Aurora.

<sup>5</sup> Corresponde à impressão natural de um peixe ou outro ser natural, técnica tradicional japonesa.

<sup>6</sup> No caso das artistas, suas redes sociais são: @crisperesdias e @caballeraurora.





reconhecimento nesta investigação. Assim, reforço a importância da pesquisa sobre artistas mulheres feitas por mulheres, com uma proximidade afetiva e territorial. Nas aulas, a fim de uma pedagogia decolonial<sup>7</sup>, as/os participantes precisam se sentir confortáveis e representadas no andamento da aprendizagem (hooks, 2017, p. 28).

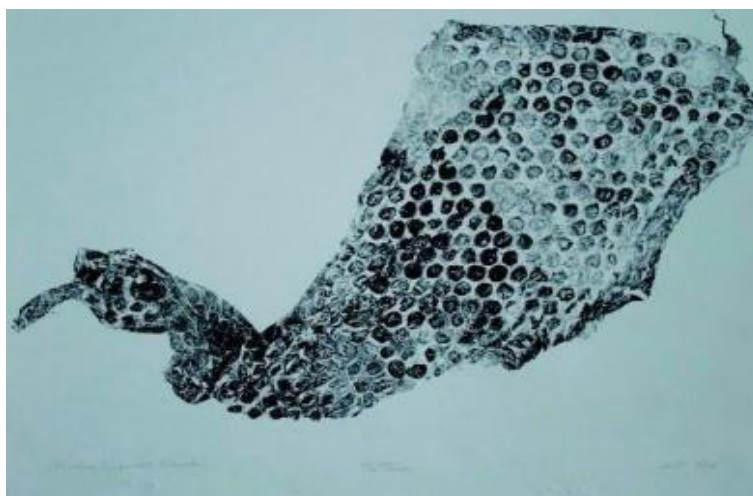
Sobre a artista visual Cris Peres, é

natural e residente da cidade de João de Pessoa-PB, bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), mestra em Artes Visuais pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), da Universidade Federal da Paraíba e Universidade Federal de Pernambuco. Sua produção se interessa por materialidades brutas e/ou naturais, o hibridismo entre linguagens e os atravessamentos críticos e simbólicos entre o vazio e o universo feminino (Miranda; Costa; Peres, 2023, p. 4).

Em sua dissertação, Cris contesta as teorias de controle da colonialidade com os registros de uma de suas *performances*, *Fragile*. Isso também caracteriza a sua obra e pesquisa no âmbito decolonial que envolve relatos e partilhas de mulheres negras que vivem em Água Preta (PE). Sobre a *performance*: “reuní os corpos que produzem arte pela perspectiva não hegemônica da performance artística, como uma tentativa de aquilombamento” (Dias, 2022, p. 101). Contudo, apesar de suas fascinantes performances, a obra discutida (figura 1) em sala de aula foi da série *Impressão* (2019), tendo como base a linguagem da gravura.

**Figura 1** – Cris Peres. **Da série Impressão Errada**. Monotipia. 29,7 cm X 42cm, 2019

<sup>7</sup> Compreende-se pedagogia decolonial como uma alternativa para desconstruir padrões de ensino coloniais, no objetivo de valorizar as histórias de povos tradicionalmente marginalizados.



Fonte: <http://plone.ufpb.br/pinacoteca/contents/material/pinturas/cris-peres/gravuras/cris-peres-01.jpg/view>. Foto: Maycon Albuquerque, 2020.

No mês de março do ano de 2022, em comemoração ao mês da mulher, Cris foi a primeira artista a inaugurar a série “Eu-mulher artista”, do Jornal da Paraíba, que consistia em vídeos<sup>8</sup> das artistas naturais ou radicadas no Estado da área das Artes Visuais contando um pouco sobre o seu trabalho. Na época, ainda em meio à pandemia, a proposta do jornal foi interessante devido à baixa de exposições e eventos artísticos presenciais. Cris comenta no vídeo que a matéria fala por si, sobre como a experiência ampliada da gravura a desloca para o lugar da surpresa e de como sua obra é uma metáfora ao seu corpo, como ele se dispõe em sociedade, mas também em relação ao outro (Dias, 2022). Tal perspectiva pode ser aplicada à obra acima que integra o acervo da Pinacoteca da UFPB.

No tocante às aulas, iniciou-se com uma breve contextualização da Arte Contemporânea e do que é ser um artista visual nos dias de hoje, a resistência do profissional de arte e que, no caso da artista, tange o ser artista mulher e negra da Paraíba. Com a discussão em torno da obra, a maior confusão deu-se no que seria a forma representada, se era um animal, um ser místico ou apenas abstrato, além da dúvida em relação a como a obra foi produzida. Por ser mais comum, foi explicado primeiro sobre a xilogravura para partir à técnica da monotipia. *Impressão Errada* se destaca pela “simplicidade de traços e cores monocromáticas, consistindo em uma

<sup>8</sup> O vídeo sobre a artista Cris Peres pode ser acessado no link: [https://www.youtube.com/watch?v=59yM\\_3UrT1g](https://www.youtube.com/watch?v=59yM_3UrT1g).



forma orgânica, marcada pela textura de pequenos círculos, produzidos a partir da matriz feita com plástico bolha” (Miranda; Costa; Peres, 2023, p. 5).

Assim, na obra, Cris Peres ao invés de se apresentar diretamente enquanto corpo feminino, a artista “corporifica-se a partir da apropriação de embalagens plásticas que são coletadas em ambientes domésticos e nas ruas da cidade, por onde ela passa cotidianamente” (Miranda; Costa; Peres, 2023, p. 12). Ela investiga as relações entre o corpo feminino, a sociedade e a natureza, conexão esta semelhante a que Aurora Caballero aborda em suas obras. Nisso, as mulheres produtoras de arte precisam estar unidas, princípio este acionado na exposição de 2023 “Em nosso nome I”, com curadoria de Cris, que reuniu mulheres artistas da Paraíba “(..) cujas atuações podem ser compreendidas como ferramentas subversivas contra a invisibilização de suas existências” (Dias, 2023, p. 2).

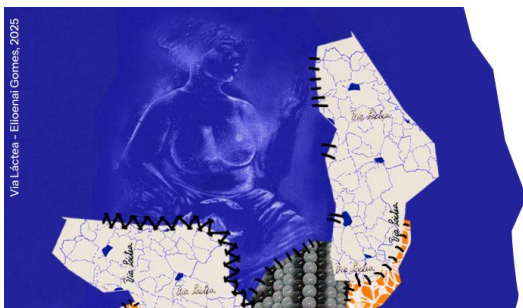
Conheci pessoalmente o trabalho de Aurora Caballero em 2020 na exposição “Entre cânones e desvios: mulheres na Pinacoteca da UFPB” sediada na Pinacoteca que continha treze artistas de seu acervo: “Marlene Almeida, Rosilda Sá, Maria Helena, Celene Sitônio, Helle Bessa, Alice Vinagre, Ivanusa, Theresa Carmen, Clarice Linz, Cris Peres, Layla Gabrielle, Stephanie Soares e Aurora Caballero” (Miranda; Costa; Peres, 2023, p. 5). Lembro que foi uma exposição muito tocante para as mulheres da minha turma, pois não era tão comum ver exposições de apenas mulheres artistas.

Conforme a Arte Plural Galeria, de Recife - PE, a qual Aurora Caballero é representada, ela é:

(...) artista de João Pessoa, bacharela em Artes Visuais pela UFPB. Utiliza diversas linguagens em sua produção, tais como pintura, escultura, gravura e vídeo. Investiga a natureza articulando livremente suas formas, padrões e texturas para criar organismos híbridos, entes imaginários e possibilidades outras de seres que ainda não foram observados pela ciência. Colecionismo, ilustrações científicas, hibridismos, sonhos e fabulações se atravessam e se complementam em suas investigações para pensar a subjetividade inerente a toda perspectiva de conhecimento e descrição do mundo (Arte Plural Galeria, 2024).

A artista atualmente é mestranda do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE) que, assim como Cris, ingressou na pesquisa





após o curso de Artes Visuais. Aurora Caballero participou este ano de 2025 da residência cruzada em artes visuais, uma colaboração da Secretaria de Estado da Cultura da Paraíba (Secult-PB) com a Escola Nacional Superior de Arte e Design (Ensad) de Limoges, na França, junto com outra artista residente de Campina Grande - PB, Rebeca Souza. Isso ressalta a importância em conectar imagens produzidas na Paraíba para outros continentes que tanto dominaram a escrita da História da Arte.

Quanto às obras, as escolhidas para apresentar para as turmas possuem a técnica da gravura *Gyotaku* e da tinta acrílica sobre tela (figuras 2 e 3), o que evidencia o hibridismo tanto na visualidade quanto na própria construção das obras.

**Figura 2** – Aurora Caballero. Sem título (série Peixe planta). Gravura *Gyotaku* e acrílica sobre tela. 41 cm x 33 cm. 2024



**Figura 3** – Aurora Caballero. Peixe cobra. Gravura *Gyotaku* e acrílica sobre tela. 89 x 71 cm. 2024



**Fonte:** <https://www.artepluralgaleria.com.br/products/peixe-cobra?variant=44033009418436>. Foto: Cristiane Dias, 2024.

Nesse sentido, o uso do hibridismo pela artista na mistura de espécies foi essencial para inspiração à atividade prática que tinha o intuito da criação de seres híbridos, entes imaginários, com lápis grafite de diferentes gradações, com seres inventados ou já conhecidos por nós seres humanos. Como esperado, a confabulação em sala de aula gerou curiosidades de que “bichos” seriam esses, da técnica e da surpresa com as dimensões das obras. Entretanto, a maior admiração foi em relação à pluralidade de temáticas que a Arte Contemporânea proporciona, fator reforçado em sala na questão territorial, uma vez que vemos a diversidade poética das artistas visuais paraibanas.

Em concordância com a pedagogia decolonial, a estrutura pedagógica vigente oriunda ainda da colonização pode ser reformulada ao “ensinar os alunos a escutar, a ouvir uns aos outros.” (hooks, 2017, p. 200) que, com as aulas das mulheres artistas paraibanas, criou-se em sala de aula um recinto de troca e afeto, além de inquietações, uma vez que a arte também incomoda. Assim, as visualidades das obras foram, em um primeiro momento, estranhas às/aos estudantes, mas com a comunicação e a prática respeitosa, foi possível quebrar barreiras no ato de se ver como ser político se autorrepresentar nas obras ou de simplesmente cruzar ideias e reativar memórias entre as/os colegas de classe.



### 3 NOVOS HORIZONTES

Dessa forma, fica evidente a magnitude que a representatividade de mulheres artistas paraibanas atravessam na arte/educação, aqui localizadas em uma escola da Paraíba, em João Pessoa, no bairro do Alto do Mateus. Com isso, a/o professora(o) é curador das imagens a serem discutidas e precisa fugir dessa matriz eurocêntrica/estadunidense e colonial que assombra a educação na formação de estudantes acríticos e apolíticos. É um processo de desobediência que só reverbera quando se faz no coletivo, é necessário quebrar esse ciclo a partir do questionamento dos que no foi ensinado contando nossa própria história no oferecimento de diferentes perspectivas e direcionando o olhar a culturas e outras formas de representar a fim de promover as histórias daquelas pessoas que foram ignoradas (Hessel, 2024).

Em conclusão, divulgar, mostrar, falar sobre artistas mulheres oferece um espaço de notoriedade e reconhecimento, o que autoriza essas mulheres a serem ouvidas, relevadas e, por consequência, valorizadas. Em entrevista ao Correio das Artes, suplemento literário e cultural do jornal A União, da Paraíba, Sabrina Melo (2023, p. 18) comenta sobre o projeto *Mulheres Artistas da Paraíba* e reforça que “essas mulheres precisam conhecer umas às outras, criarem vínculos coletivos e se fortalecerem no universo artístico”. Assim, como mencionado, amplio esta discussão às arte/educadoras em apresentar mulheres artistas nas instituições de ensino a qual são vinculadas, às oficinas com projetos independentes e às mulheres que trabalham com arte no estado da Paraíba.

### REFERÊNCIAS

DIAS, Cristiane Peres. EM NOSSO NOME: **Mulheres Artistas no Acervo da Cultura do Estado da Paraíba**.. In: Formas de Vida - **Anais** do 32º Encontro



Nacional da ANPAP. Anais...Fortaleza(CE) IFCE, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/32anpap2023/653731-EM-NOSSO-NOME--MULHERES-ARTISTAS-NO-ACERVO-DA-CULTURA-DO-ESTADO-DA-PARAIBA>. Acesso em: 10 set. 2025.

DIAS, Cristiane Peres. **Fragile**: teorias de controle e a decolonização performativa do corpo dissidente. João Pessoa, 2022. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/24783?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/24783?locale=pt_BR). Acesso em: 10 set. 2025.

HESSEL, Katy. **A História da Arte Sem os Homens**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2024.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

JORNAL DA PARAÍBA. Eu-mulher artista: conheça Cris Peres. Youtube, 08 mar. 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=59yM\\_3UrT1g](https://www.youtube.com/watch?v=59yM_3UrT1g). Acesso em: 10 set. 2025.

MIRANDA, Atena Pontes De; COSTA, Robson Xavier da; DIAS, Cristiane Peres. **Impressão Errada**: Cris Peres no Acervo da Pinacoteca da UFPB. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 32., 2023, Fortaleza, CE. **Anais [...]**. Fortaleza(CE): IFCE, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/32anpap2023/666191-IMPRESSAO-ERRADA--CRIS -PERES-NO-ACERVO-DA-PINACOTECA-DA-UFPB>. Acesso em: 12 set. 2025.

NOCHLIN, Linda. **Por Que Não Houve Grandes Mulheres Artistas?** Tradução Juliana Vacaro. 2. ed. São Paulo: Edições Aurora, 2016.

PAULINO, Rosana. **Somos muito ingênuos em relação à imagem**. Entrevista cedida a Anna Ortega. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/somos-muito-ingenuos-em-relacao-ao-poder-da-imagem-a-firma-rosana-paulino/>. Acesso em: 10 set. 2025.

TAVARES, Alexsandra. **O Resgate da Arte Feminina Ante a Invisibilidade Social**. Entrevistadas: Madalena Zaccara e Sabrina Melo. Correio das Artes, v. 5, p. 16-19, 2023.